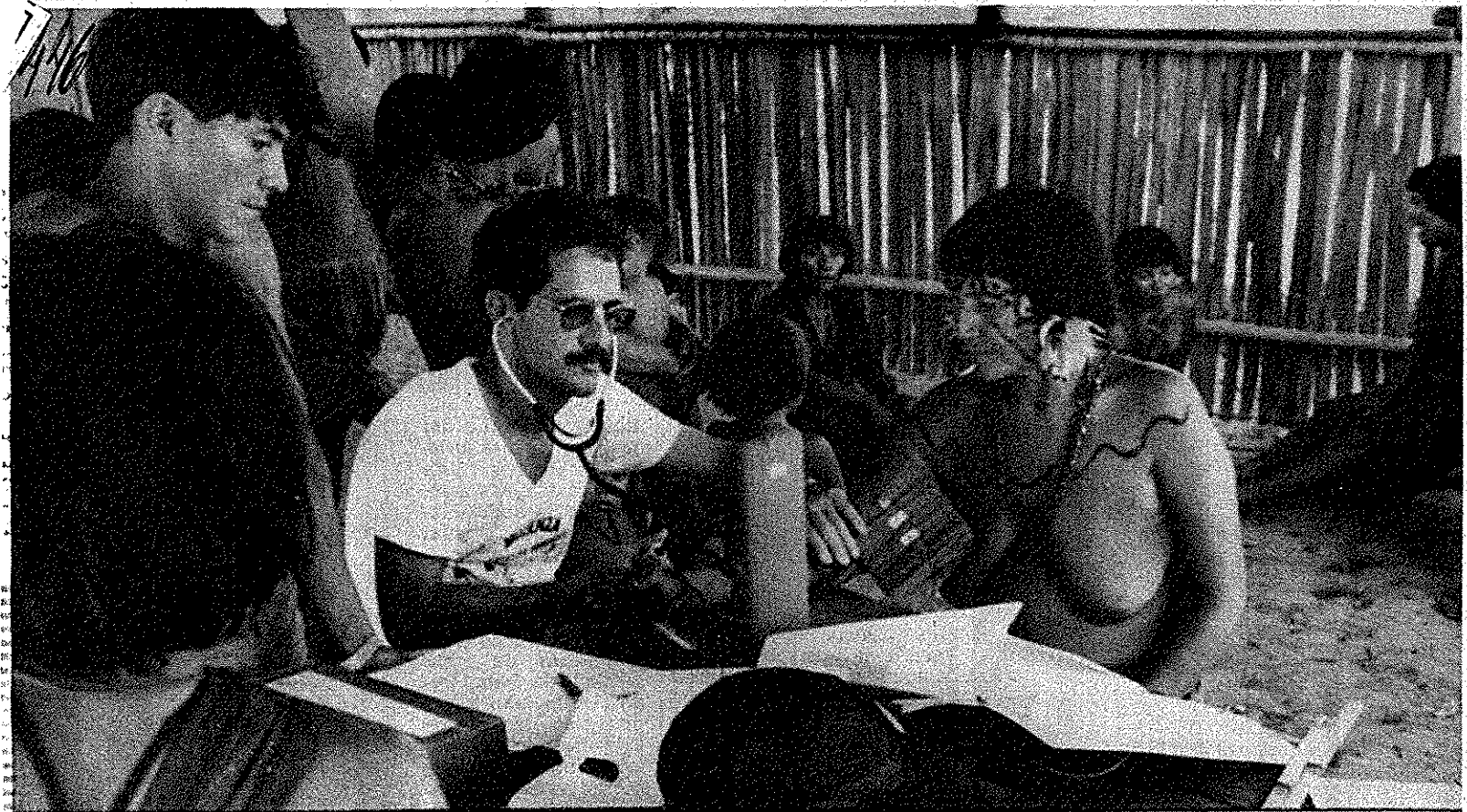


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro Class.: 721

Data: 09.06.88 Pg.: _____



A hipertensão é uma das doenças que mais vítimas faz no mundo, mas os Yanomamis não sabem nem o que é isso



Sem hipertensos, a

Nação Yanomami

é uma raridade

RUBENS ARAUJO
da Editoria de Cultura

Impressionado com o pequeno número de hipertensos encontrados em uma aldeia da nação Terena, em Mato Grosso do Sul, o cardiologista Jairo Mancilha resolveu levar suas pesquisas a frente e foi parar nas aldeias dos Yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Lá descobriu, sem um certo espanto, a única comunidade indígena no Brasil e uma das poucas do mundo onde não existe sequer um hipertenso. Algo realmente espantoso num planeta onde a hipertensão arterial, ou pressão alta, está entre os primeiros lugares no ranking das doenças crônicas que mais fazem vítimas fatais.

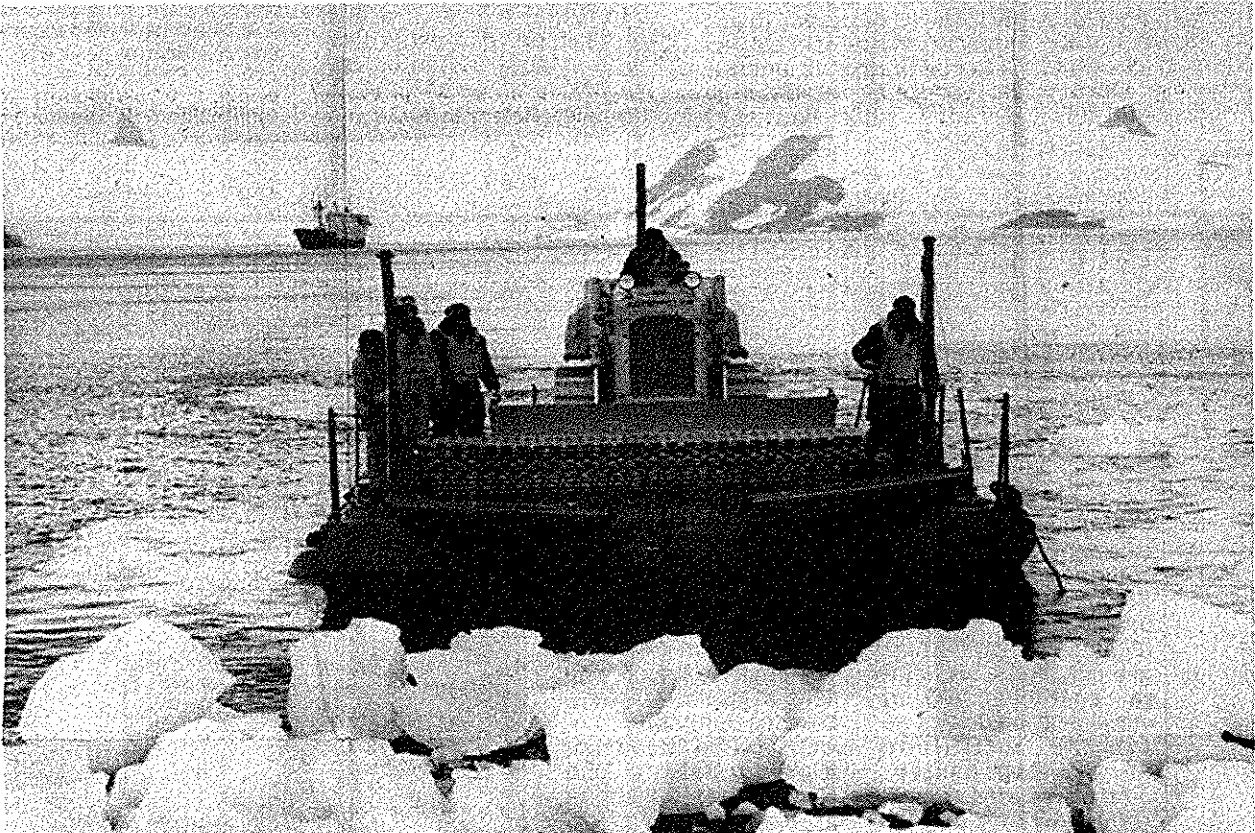
A pesquisa com os índios terenas fazia parte de uma outra mais ampla que acabou se constituindo na tese de mestrado de Jairo Mancilha, defendida em 1984 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nela analisou 1.773 pessoas divididas em grupos de peritencários, operários de fábricas, médicos, oficiais da Marinha e índios. Verificou que desses grupos, o dos penitenciários possuía um maior número de hipertensos, cerca de 26 por cento do total e o grupo dos indígenas era o que menos possuía, com apenas 7 por cento do todo.

Além de provar que existe menor número de hipertensos entre os ricos, já que junto com os índios, os médicos e os oficiais da Marinha foram os que apresentaram o menor índice, desmistificando inclusive a ideia de que a hipertensão era exclusividade dos executivos, a tese de mestrado do cardiologista fez-o comprovar mais tarde a sua hipótese de que quanto mais aculturado for o índio, maior possibilidade dele se tornar um hipertenso.

Essa foi indiretamente a conclusão que Jairo Mancilha tirou da pesquisa que fez junto aos Yanomami, a tribo indígena mais primitiva do país, e que se transformou em outra tese, desta vez de doutorado. Morando em áreas de difícil acesso, os Yanomami têm muito pouco contato com o homem branco, caso contrário dos Terenas que há vários anos assumiram hábitos alimentares e certos costumes dos brancos.

Segundo Jairo Mancilha, "a mudança de hábito alimentar como de ritmo de vida são as causas principais do aparecimento de hipertensos entre os Terena". Os Yanomami, diferentemente, conservam-se mais puros. Além do pouco contato com o branco existem outros fatores que influem na inexistência de hipertensos nessa nação indígena: "Um dos mais importantes é que os Yanomami pouco usam o sal. Tanto é que eles assam a carne bem assada, o que ajuda a tirar o sal e a gordura, dois provocadores da pressão alta".

Outro fator que faz os Yanomamis escaparem da hipertensão é, de acordo com Jairo Mancilha, a ausência do stress psicossocial. "Eles não deixam para resolver seus problemas para depois, tudo é resolvido no presente. Nada fica pendente", explica o cardiologista, que passou cerca de dois meses entre as aldeias da serra de Surucucu e outras localizadas próximas do rio Ajarani e rio Catrimani, todas em Roraima. Os



Quem pretende passar temporada na Antártida deve fazer cuidadosas avaliações cardiológicas

outros dois fatores apontados ainda pelo médico é a total ausência de obesidade entre os Yanomami e a grande atividade física. Este é, sem dúvida, um belo receituário para os hipertensos em potencial. Para chegar onde chegou, Mancilha contou com a colaboração de 254 Yanomamis, de ambos os sexos, com idade acima de 14 anos. Todos tiveram sua pressão medida e quase todos tiveram sua urina analisada, já que alguns se recusaram a cooperar com este último exame. A pesquisa de Jairo Mancilha teve

grande repercussão na comunidade médica internacional. Ainda este ano, ele voltará às aldeias Yanomami a serviço da Federação Internacional de Cardiologia e da Organização Mundial de Saúde, integrando o projeto Intersalt que visa, segundo ele, "provar definitivamente a relação que existe entre o potássio, o cloreto de sódio (sal) e o cálcio e a pressão arterial".

A tese do cardiologista joga, contudo, um pouco mais de dúvidas em cima da polêmica que existe com relação a hipertensão na raça negra

que apresenta muito mais casos do que na raça branca. Será que diferentes grupos étnicos apresentam diferentes resistências à pressão alta? A discussão aqui, com relação ao negro, é que se a maior propensão deste a hipertensão se deve a fatores genéticos ou simplesmente a agressividade reprimida", informa.

A agressividade reprimida, ou repressão social, que os marginalizados e a classe mais pobre sofre, além da alimentação a base de muito sal e gordura — "o pobre come mais sal do que o rico", afirma — se-

ria para Mancilha uma das causas principais para o grande número de hipertensos entre as classes menos privilegiadas.

O número de hipertensos no Brasil não é pequeno. Segundo o cardiologista, existem cerca de 20 milhões de brasileiros com essa doença crônica. São ao menos 20 milhões de pessoas que vivem à sombra de um derrame cerebral ou de uma parada cardíaca, causados, respectivamente, em cerca de 66 por cento e 58 por cento dos casos pela pressão alta.

A maioria das pessoas incluídas nessa porcentagem não sabem que foi a hipertensão arterial a causa das paradas cardíacas ou dos derrames, por isso ela é conhecida também como "o inimigo silencioso". Devido a esse negro quadro é que o Ministério da Saúde lançará oficialmente em setembro, quando acontecerá, em Brasília, uma conferência nacional sobre hipertensão arterial, o Programa Nacional de Educação e Controle de Pressão Arterial. "Será uma grande campanha de conscientização, na qual serão utilizados todos os meios de comunicações", adianta Jairo Mancilha, que colaborou com o programa.

Mancilha, contudo, espera não apenas colaborar com essa campanha que será lançada em setembro. Ele quer uma outra oportunidade para ir novamente à Antártica. Esse gelado continente lhe permitiu, em 1984, quando participou da segunda expedição do Barão de Tefé, que fizesse a primeira pesquisa da reação cardiovascular de brasileiros em temperaturas baixíssimas. Lá, trabalhou trinta dias, e concluiu que "habitantes de regiões tropicais não aclimatizados, quando submetidos ao frio, apresentam alterações na fisiologia cardiovascular".

Tal conclusão obrigaria necessariamente a que os candidatos às expedições à Antártica "sejam submetidos a cuidadosa avaliação cardiológica". Disso se conclui, ainda a título de conselho, que os navegantes hipertensos devem pensar duas vezes antes de embarcar numa fria dessas.